

## AUGUSTO DOS ANJOS E A PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO EM DOIS PASSOS

Raíra Costa Maia de Vasconcelos (UFPB)

### RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar os poemas *O lamento das coisas* e *Último credo* do paraibano Augusto dos Anjos. Os comentários sobre os poemas estarão pautados num diálogo com certos conceitos psicanalíticos como a ideia de inconsciente, desejo e pulsão de morte. Tentaremos ao longo do texto tecer uma crítica que vincule a teoria da psicanálise de forma interna à leitura da poesia.

**Palavras-chave:** Augusto dos Anjos. Psicanálise. Poesia.

**ABSTRACT:** This text intends to analyze the Augusto dos Anjos' poems *O lamento das coisas* and *Último Credo*. The commentaries about the poems are based on a dialogue with psychoanalysis concepts. We will try composing a critical analysis, entailing the psychoanalysis theory with a poetry reading.

**Keywords:** Augusto dos Anjos. Psychoanalysis. Poetry.

### Introdução

A atividade do poeta pode ser definida como uma ação de desenraizamento das palavras. Tomando as ideias de Octavio Paz, podemos entender o processo de criação literária através de dois processos: o de separação e o de regresso. O momento da separação consiste no deslocamento das palavras de suas conexões e significados mais habituais, automatizados; tal processo de desenraizamento fornece vocábulos em seu frescor e vivacidade. Por outro lado, de acordo com o teórico, o segundo processo é o ato de regresso da palavra, momento em que o poema converte-se em signo e objeto de participação. Logo, mesmo o poema iniciando-se pela elevação, desmembramento e “violência” sobre a linguagem, ele também é regresso e participação: criação poética e leitura de poesia são, pois, dois momentos de uma mesma realidade.

Ainda de acordo com Paz, através do poema, o povo depara-se com os fundamentos do seu próprio ser, com a sua “palavra primeira” porque o poeta “bebe em sua fonte original” (1982). Desta forma, diz o autor, os leitores de poetas modernos estão ligados por um elemento característico do nosso tempo que é o rompimento do equilíbrio cultuado no período XIX. Contudo, salientamos que em momentos de inovação artística, em que há tentativas de desvio à norma e “ruptura” com uma dada tradição, o reconhecimento do texto artístico pelo povo não ocorre de forma imediata, uma vez que o processo de desautomatização do olhar e de compreensão das oscilações e transformações de uma comunidade dificilmente são captadas por todos e em um mesmo período.

Diante destes fatos, podemos tentar compreender um pouco mais da produção poética do paraibano Augusto dos Anjos, que, ainda hoje, cem anos após a publicação de sua única obra, é objeto de investigação, tendo em vista a carga de incompreensão e discussão levantadas aos seus escritos. Publicado em 1912, o livro *Eu*, de Augusto dos Anjos, ultrapassou a marca de trinta edições e continua sendo alvo de estudo nas escolas e no ambiente acadêmico, através de críticas que perpassam desde leituras impressionistas àquelas que o investigam a partir do diálogo com correntes de vanguarda artística ou com teorias filosóficas. Inúmeros estudiosos, portanto, lançam seus olhares para *Eu*, como tentativa de compreender a representação da vida e do homem modernos, apresentados a partir um vocabulário único.

## 1 Augusto e a psicanálise

Poeta sem um período estético propriamente estabelecido, Augusto dos Anjos foi um escritor paraibano que se diferenciou em sua geração. Inserido dentre os artistas pré-modernistas, aqueles que abriram passagem para as inovações incitadas pelo Modernismo de 22, Augusto obteve esta adaptação, pela crítica literária, em função ao período cronológico em que produziu seus textos. Apesar de possuir poemas com forte apelo simbolista, a obra do paraibano vai além do didatismo das correntes estéticas e alarga-se em jogos inesperados com as formas clássicas e em um vocabulário de amotinação às convenções literárias do início do século XIX. Se o ensinamento poundiano sobre as antenas dos artistas é verídico, podemos ter em Augusto dos Anjos a sua comprovação, já que ele acompanha, aparentemente, à frente dos homens comuns, as vicissitudes de uma época. Enquanto os textos dos grandes pensadores e filósofos americanos e europeus chegavam, em suas primeiras traduções, no Brasil, Augusto dos Anjos transmitia em seus poemas muitas das ideias-chave do pensamento ocidental; logo, seus poemas estão imbricados de noções filosóficas, psicológicas e sociológicas do mundo contemporâneo.

Há, entre os estudiosos da literatura, um certo receio de intercalar em suas análises estéticas considerações sobre áreas que vão além do âmbito da apreciação artística, isto é, ponderações acerca da sociedade, política ou filosofia de determinado contexto. De fato, em determinadas análises de obras artísticas, o objeto em questão parece mesmo o último elemento a ser observado e acabam por transformar um comentário artístico em verdadeiros compêndios de datas, mitos, história etc. Contudo, como alertou-nos Antonio Candido, apesar de os fatores internos de uma obra serem os fundamentais para um olhar crítico, os fatores externos à obra também são interessantes na medida em que possibilitam a compreensão de um estilo, de um autor, de uma época. Sendo assim, o diálogo que será feito neste trabalho com a psicanálise possui menos a intenção de cristalizar as reflexões e teorias psicanalíticas, à compreensão e delineamento da voz central nos poemas de Augusto dos Anjos.

A tentativa de conectar a literatura e a psicanálise será através de conceitos freudianos, tendo como ponto nodal a ideia do “inconsciente”. Estando, nesse momento, alheios às grandes problemáticas que envolvem as traduções e os limites de significação dos termos psicanalíticos, iremos nos deter a discussões mais elementares da teoria de Freud, pois o foco do texto estará centrado na linguagem poética dos textos de Augusto dos Anjos. Antes de apresentarmos os poemas escolhidos para nosso comentário, é importante sublinhar que além do “inconsciente” como símbolo maior da teoria psicanalítica de base freudiana, outras concepções a respeito do comportamento da mente devem ser levadas em consideração. Entre tais, podemos citar o “desejo”, que costuma ser caracterizado como um dos nortes da teoria

psicanalítica. Partindo da concepção dada por Laplanche e Pontallis (1986), o “desejo” freudiano relaciona-se a um desejo inconsciente, que permanece ativo, através de ligações com sinais infantis que perduram ao longo dos anos. Ou seja, o tal desejo inconsciente surge, ou melhor, realiza-se a partir da recuperação de sinais conectados às primeiras experiências de satisfação. Desta forma, diz Laplanche, a realização do “desejo” ocorre no instante em que há o reaparecimento de uma percepção ou imagem mnésica, invocando, assim, o momento da primeira satisfação. Contudo, vale salientar que, de acordo com Freud e, posteriormente, também com Lacan, o “desejo” difere-se da mera sensação de *necessidade*, pois, o “desejo” freudiano é intimamente relacionado a traços mnésicos e atrelado a ele não existe, obrigatoriamente, vínculo com objetos reais; ao contrário da *necessidade*, que é ampara por um fator biológico, passível de satisfação, através de uma ação específica. Entende-se, portanto, que enquanto a *necessidade* tem em vista o outro, um objeto particular, encontrando nele a satisfação, o “desejo”, por sua vez, não carrega, fundamentalmente, uma relação com um objeto específico, mas com a fantasia. Somam-se também à teoria freudiana as “pulsões” (*Trieb*) diversas em funcionamento na mente e no comportamento humano, mas que só podem ser conhecidas pelos seus representantes: uma ideia (*Vorstellung*) ou por um afeto (*Affekt*), já que as pulsões não se tornam objetos da consciência.

## 2 Dois poemas

Tendo em vista que a publicação do livro *Eu*, de Augusto de Anjos, ocorreu no ano de 1912 e que neste período ainda estavam aportando no Brasil as primeiras teorias freudianas, entendemos que a psicanálise pode auxiliar o leitor na fruição do texto, isto é, na captação do discurso e das angústias de um eu poético expressos nos escritos de Augusto de Anjos, e não, necessariamente, perceberemos a psicanálise como fator motivacional para produção dos poemas. Vale salientar também que, de acordo com Sagawa, foi apenas no ano de 1914 que a primeira tese brasileira utilizou a psicanálise freudiana para estudo. Tendo em vista, portanto, o panorama de sua época, poderemos apresentar um pouco da obra de Augusto dos Anjos, lançando mão de ideias da psicanálise, mas sem perder de vista o valor estético do texto, a fim de compreender o estilo e as tensões geradas por um texto literário. Vejamos o poema abaixo:

### O lamento das coisas

Triste, a escutar, pancada por pancada,  
A sucessividade dos segundos,  
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,  
O choro da Energia abandonada!

É a dor da Força desaproveitada  
- O cantochão dos dínamos profundos,  
Que, podendo mover milhões de mundos,  
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma imprecisa...  
Da transcendência que se não realiza...  
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí formidando

Da Natureza que parou, chorando,  
No rudimentarismo do Desejo!

Formado por versos decassílabos e rimas emparelhadas, interpoladas e alternadas, seguindo o esquema em ABBA/ABBA/CCDEED, o soneto acima de Augusto dos Anjos já exhibe na sua estrutura as dualidades e imprecisões que comenta. Ao mesmo tempo em que percebemos os termos mundos/profundos, além de desaproveitada/Nada, que se apresentam rimadas e dentro de um mesmo campo de significação, vemos também algumas rimas que estabelecem uma relação de extremos opostos no campo da significação, como imprecisa/realiza e formidando/chorando. Ora, como podemos supor e comprovar com a leitura do poema, aquilo que é impreciso, que não tem forma definida, não obtém sua realização, de forma semelhante, nós temos o par rítmico formidando/chorando, que causa surpresa, já que aquilo que é tremendo, pavoroso (formidando), distancia-se da ideia de fraqueza e rendição, costumeiramente ligadas ao choro. Tais jogos de significante e significado reforçam o jogo linguístico e a temática abordada pelo texto: as antíteses e contrastes da vida.

Como podemos observar, no primeiro quarteto do poema, o eu poético exhibe-se como testemunha da lamentação da Energia – descrita em letra inicial maiúscula, atuando quase como uma divindade ou personificação – ao ver-se abandonada. O eu poético, além de ouvir o choro, apresenta-nos a origem e a razão de tal murmúrio: o choro, na verdade, é o canto lamurioso da Força (também em maiúsculo) pelo seu confinamento e inatividade, já que, sendo força, poderia gerar energia elétrica para o mundo, ou melhor, poderia mover *milhões de mundos*; mas, para sua tristeza, persiste inerte na *estática do Nada*. O eu também revela, no primeiro terceto, que este canto lamurioso, o choro que ele ouve é o rancor por uma forma que ainda está imprecisa, em formação, em outras palavras, o choro é ocasionado por uma ideia, uma transcendência, que ainda não se materializou, ou ainda, de uma luz que ainda não virou a cintilação de um lampejo. As próprias reticências que surgem de forma marcante em cada um dos três versos desta estrofe transmitem-nos o caráter de imprecisão e de criação a que o poema refere-se: o anseio de um elemento que almeja fazer-se presente, mas que não se encontra perfeitamente formulado para sê-lo. No último terceto, a voz poética confirma que foi o subconsciente da Natureza que chorou diante de sua estagnação nas bases rudimentares de um Desejo. Entendemos este Desejo, não como sinônimo de uma necessidade, de uma procura que pode alcançar êxito ao possuir um objeto determinado, mas sim, como um elemento que escapa à consciência. Aqui, o Desejo não poderia encontrar a sua satisfação através de uma ação específica, ele aparenta estar ligado a traços mnésicos, a situações elementares, profundas, “rudimentares”, como coloca a voz poética. Logo, o Desejo destacado no poema, tal como teorizou Freud, poderia encontrar a sua realização na reprodução alucinatória das percepções.

Se encararmos a ideia exposta pelo poema de *subconsciência* e *choro* da Natureza como alegoria aos comportamentos mentais e físicos do homem, podemos apontar que o texto exhibe um lamento que pode ter como fonte o Desejo inconsciente dos homens, ou seja, a busca por um objeto perdido que é, na verdade, uma falta que se permanece enquanto falta. Ao afirmar “é em suma, o subconsciente aí formidando/ Da Natureza que parou, chorando, / No rudimentarismo do Desejo!”, podemos entender que, no poema, o Desejo descrito tem relação com aquele defendido por Freud, que é caracterizado por um impulso de reproduzir uma “satisfação original” e que se caracteriza enquanto uma busca sem fim, por esse objeto de desejo não ser da ordem das coisas, mas da ordem do simbólico. O eu poético, portanto, apresenta-nos não uma Natureza que está externa a nós, mas sim, a própria natureza humana, que sente fora de sua consciência, nas estruturas do inconsciente, o seu Desejo mais latente,

que procura a sua cura, mas que, na realidade, encontra-se em sua eterna procura, daí resultam a sua insatisfação e dínamos profundos diante da imprecisão e transcendência dessa sua “Vontade” mais rudimentar.

Como afirmamos anteriormente, além da ideia de “desejo”, as teorias freudianas de “pulsão” também constituem o estudo do austríaco sobre a mente humana. Contudo, ao contrário do que é pregado de forma informal sobre os escritos freudianos, a “pulsão sexual” e o princípio do prazer não são elementos dominantes sobre os processos da psique humana. Para Freud, a pulsão é algo inerente a todo indivíduo e atua como uma tentativa de recuperar um estado anterior das coisas, ou seja, o ponto de partida, o fator inicial de toda a vida, que, para Freud, seria o retorno ao inorgânico, ao inanimado. Segundo ele, existe em todo ser vivo uma tendência para a morte e que, como é sabido, é cumprida de forma inevitável. Contudo, sublinhamos, Freud afirma que esta é uma predisposição interna aos seres vivos, resultante dos esforços do próprio homem de retornar ao seu estado primeiro e inorgânico, e não como resultado de fatores externos. Esta predisposição seria a “pulsão de morte” e, como afirma Garcia-Roza, o que a realidade externa ao homem provocou foi a vida, mas, após esse processo, as ações em direção à morte são empreendidas pelo próprio homem, ou ser vivo, de maneira mais geral. Assim, uma morte ocasionada por elementos externos vai de encontro a esta tendência de voltar ao estado inicial das coisas de maneira natural, como diz o autor, o objetivo da vida “não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não-natural” (2007).

Diante deste preâmbulo, poderemos pensar no poema *Último credo*, de Augusto dos Anjos, e entender a discussão sobre a morte que é apresentada ao leitor. Tentando fazer uma paráfrase do poema e como pode ser visto abaixo, trata-se do questionamento de um sujeito acerca dos rumos e do destino dos homens. Para o eu deste poema, a vida de todos os homens, desde o mais simples ao mais influente, já tem um fim previsto, a morte, e, mais do que isto, ele afirma que é através deste grande mistério que o mundo evolui. Através desta paráfrase, podemos já perceber alguns indícios de “pulsão da morte” freudiana, mas, antes de apontar tais elementos, vamos ao poema:

### Último credo

Como ama o homem adúltero o adultério  
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,  
Amo o coveiro – este ladrão comum  
Que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!  
É o *nous*, é o *pneuma*, é o *ego sum qui sum*,  
É a morte, é esse danado número Um  
Que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente,  
Na generalidade decrescente  
Com que a substância cósmica evolui...

Creio, perante a evolução imensa,  
Que o homem universal de amanhã vença  
O homem particular que eu ontem fui!

Na primeira estrofe do poema, o sujeito retrata o sentimento amoroso dos homens àquilo que os completa, o apego que cada um tem ao elemento que lhe é conveniente e que lhe traz felicidade. Desta maneira, de forma semelhante ao homem adúltero que ama o adultério, e ao ébrio que ama a sua garrafa de rum, ele, que é homem mortal e fadado a este destino, ama aquele que o carrega a esta finalidade, o coveiro. Aqui, o coveiro, tido como o ladrão comum pode ser visto como a pessoa que arrasta, que conduz à força uma pessoa ao seu fim. Este fim, contudo, para a voz poética, não é algo indesejado nem tenebroso, como podemos perceber na segunda estrofe, o sujeito assume a morte como um grande mistério, mas também como *nous* e o *pneuma*, isto é, ele aceita a morte com sua mente, sua anuência, e como o seu ar, o sopro da vida; ao afirmar *ego sum qui sum* – eu sou quem sou – ele afirma que a morte também faz parte de sua vida: ele é um homem mortal e é em direção a isto que ele caminha. Desta forma, podemos entender o sentimento que o sujeito expressa pelo coveiro, pois é este quem vai levá-lo ao destino de sua vida. Por mais paradoxal que possa parecer, o eu poético assume que a vida normaliza o caminho para a morte e só lhe resta a anuência. O eu ainda afirma que a morte é o mal número “um”, o primeiro e único, que chega a todos, sem distinção, pois, se ela alcança grandes personalidades, reis e príncipes – como Cristo e o imperador romano Tibério – chegará também ao homem comum. A dualidade Vida/Morte é aqui traduzida como algo inerente ao homem e, trazendo os ensinamentos psicanalíticos, podemos ver a “pulsão da morte” como uma tendência a ele e inerente ao ser vivo. Nas últimas estrofes, retomando o título do poema, o eu expõe as suas crenças, não exatamente cristãs, como o título pode sugerir, mas sim, uma crença filosófica. Ele acredita, assim como o filósofo mais convicto, que o homem universal do amanhã, isto é, a raça humana, tendendo a uma generalidade decrescente e ao menos genérico, evolua, sendo mais particular do que o poeta já tenha sido. Esta ideia que flerta com os ideais evolucionistas e de desenvolvimento através da vida e da morte (em seu ciclo) lembra-nos, mais uma vez, a concepção de “pulsão de morte” como fator de retorno ao estado primeiro da vida, na medida em que esta particularidade e heterogeneidade, clamada pelo eu poético, também voltará ao estado de homogeneidade (através da morte), a partir de sua deterioração e dispersão, transformando-se em substância cósmica e que, por sua vez, contribuirá para a evolução do universo. *Último credo*, como podemos perceber, é um poema que se utiliza de elementos da liturgia cristã como aspectos de uma retórica voltada à elaboração de um discurso filosófico, quase científico, sobre ciclo da vida e da evolução do cosmos. A crença, o amor e a figura de Cristo são apresentados aqui, não como meios de uma crença salvacionista, mas, ao contrário, são apontados como faces confirmadoras da “lei” da morte.

Diante do exposto, percebemos, no primeiro poema, que o conhecimento de princípios da psicanálise auxiliou no entendimento da tensão que abarca o soneto *O lamento das coisas*. As contribuições freudianas a respeito do “desejo” humano abriram uma possibilidade de leitura sobre os impulsos e as inquietações peculiares à natureza humana. Percebemos que a alegoria do choro oriundo do Orbe encontrou consonância na concepção da eterna busca do homem pelo objeto perdido. Já no segundo poema, de forma semelhante à leitura anterior, analisamos o discurso do eu aliado às concepções de “pulsão” freudiana e, assim, compreendemos a figura da morte bem como a sua aspiração como funcionalidades muito naturais na vida do sujeito que fala em *Último credo*.

## Considerações finais

Conforme dissemos, os poemas de Augusto dos Anjos estão envoltos dos mais diversos comentários e estudos. Diante de um vocabulário *sui generis* e de temáticas esdrúxulas, mas de significativa originalidade, o leitor de *Eu* pode, ao mesmo tempo, cair no âmbito do estranhamento, na medida em que certas palavras relegadas ao chulo e ao desprezível tornam-se elevadas à categoria de poesia, mas também contagia-se de uma inquietante curiosidade. Este fato pode justificar, por exemplo, que, mesmo sendo um poeta de termos científicos e excêntricos, Augusto dos Anjos tem seus versos mais clássicos lembrados ou reconhecidos por um número considerável de leitores, em função de seu léxico ímpar.

Contudo, vale sublinhar que algumas formas de leitura da poesia de Augusto dos Anjos pode ser utilizada como mero pretexto para uma discussão alheia ao âmbito da crítica artística. Discussões desta ordem, que tendem a uma conjuntura mais sociológica, histórica ou psicológica existem em paralelo às leituras estéticas. Porém, salientamos que nossos comentários sobre os poemas *O lamento das coisas* e *Último credo* põem em destaque a própria escrita literária, chamando a atenção para a particularidade da escrita poética do autor paraibano; servimo-nos, pois, de certos ideais freudianos como uma possibilidade de leitura da própria obra, isto é, tentando trazer uma concepção que, originalmente estaria externa ao campo da literatura, mas que trouxe a sua contribuição apresentando-se enquanto elemento interno à própria leitura poética.

Concluimos, desta maneira, que o texto poético alcança pluralidades de significações, e que as diversas teorias possibilitam-nos alternativas de análise, mas sempre tendo em vista os limites que os próprios textos literários estabelecem. Assim, o presente texto tentou mostrar de que forma a teoria psicanalítica, mesmo em suas concepções basilares, pode auxiliar na leitura de poesia, sem atropelar a voz poética em nome de um conhecimento teórico, além de demonstrar que o conteúdo estético, que direcionou as nossas duas análises, pode estar em contato com uma teoria alheia ao âmbito literário, sem perder a eficácia de um comentário crítico. Fica para os leitores, portanto, uma visão a mais para ler Augusto dos Anjos, aqui representado em dois poemas, mas que possui uma obra rica em desafios sobre a psique humana, capaz de aguçar qualquer olhar mais “clínico”.

## Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J. & PONTALLIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. Trad.: Pedro Tamen, 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 158-160.

PAZ, Otávio. **O Arco e a Lira**. Trad.: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SAGAWA, R. Y. **Um recorte da história da psicanálise no Brasil**. Disponível em <http://www.cocsite.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigos1.pdf>. Acesso em 29 de Julho de 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad.: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

VIANA, Chico. **A sombra e a quimera**. João Pessoa: Editora Ideia, 2000.